

# Pécora diz que haverá descompressão paulatina

por Suely Caldas  
do Rio

A política econômica não deve mudar, da mesma forma que o processo de abertura política não deve ser desacelerado. Essa foi a opinião manifestada ontem a este jornal por empresários do Rio, presentes à cerimônia de comemoração do sexto aniversário da Associação Brasileira das Empresas Comerciais Exportadoras (ABECE), quando também foi prestada uma homenagem ao secretário-geral do Ministério do Planejamento, Flávio Pécora, ex-presidente da entidade.

Flávio Pécora repetiu uma frase pronunciada pelo ministro Delfim Netto: "Estamos atravessando a ponte. Não é o momento de recuar". Embora ressaltando que "uma política monetária restritiva não pode ser permanente", Pécora deixou bem claro que um afrouxamento da política econômica vai depender do sucesso de seus resultados: a queda da inflação e o equilíbrio do balanço de pagamentos.

Ele se recusou a falar sobre as eleições de 1982, ou condicionar a elas a adoção de algumas medidas de descompressão da economia: "As medidas não visarão a uma descompressão paulatina, nem acelerada. Elas serão tomadas no momento certo. O que pode ser viável é introduzir pequenas modificações, contudo, sem prejudicar os resultados desejados".

## NÃO ACREDITA

O presidente da Federação Nacional dos Bancos, Theóphilo de Azeredo Santos, não acredita na mudança da política econômica por três razões: "Em primeiro lugar", explicou, "no momento em que a política econômica começa a dar os primeiros sinais positivos, não se torna oportuna a sua alteração. Em segundo lugar, os princípios de combate à inflação são os mesmos no mundo inteiro, não são aplicados só no Brasil. E, por último, com a realização das eleições em 1982, é melhor praticar uma política rígida agora do que atenuá-la sob o risco de uma alteração perturbadora na ordem social". O presidente da Fenaban prevê que só no próximo ano poderá ocorrer uma descompressão da política econômica, que deve coincidir com a redução dos juros bancários, tanto no exterior como internamente.

"Até agora não há nenhuma indicação de que a velocidade da abertura política será modificada. No governo mudou apenas um homem, mas o presidente continua o mesmo, com o seu compromisso de redemocratizar o País", afirmou o presidente da ABECE, Humberto da Costa Pinto Júnior. Na sua opinião, a política econômica também não deve ser mudada agora: "Não tem sentido mudar uma política que tem como prioridades a maxi-

mização das exportações, o controle da inflação e dos gastos públicos".

O presidente da Confederação Nacional das Associações Comerciais, Rui Barreto, tem a mesma opinião. "Não há por que alterar a política econômica, como também não tem sentido recuar na abertura política."